

§

§ Fundo musical suave §

§

§

§

§

[Batidas do coração]

§ Fundo musical suave §

§

§

§

§

[Ruídos urbanos]

§

A permacultura é, na verdade, uma ciência.
Ela começou ali na Austrália com essa coisa de analisar,
observar como viviam aquelas comunidades antigas,
tradicionais aborígenes, que tem muito conhecimento
e um conhecimento que, durante esse processo
de modernização da nossa sociedade, foi renegado, né?
E, a partir daí, só o saber da academia passou a valer.
E eu vejo muito a permacultura como um resgate disso tudo
além de melhorar, também, as técnicas, né?
A permacultura olha a questão de como se faz um desenho
de que você não só tenha o mínimo impacto,
mas que você regenere o seu ambiente por volta de você.
A gente não vive de permacultura,
a gente vive a permacultura, a cultura da permanência.
E daí, tu pensa, a gente tem que trazer
essa conscientização e essa justiça de:
"Ó, tu é um cidadão! Vamo lá!
"De que forma tu vai colaborar?"
Tu estas aqui presente, a cidade também é tua!"
E, daí, a gente começa a se perguntar:
qual será a minha missão?
Eu acho que é isso...
aprender a respeitar o ciclo que tu se inclui.
[Burburinho]

[Pássaros cantando]

A amarela, a amarela...
Aaarg...

§ Fundo musical suave §

Você não vai passear, Gui? Não?

Você tá brincando de que aí?
Tá brincando de que aí?

Meu nome é Alessandra. Eu sou bióloga por formação.
Tô fazendo agora um mestrado em Estudos Rurais.
Foi durante o curso de biologia
que ouvi a primeira vez falar em permacultura.
E desde que eu vi, conheci a permacultura
e fui vendo as tecnologias que ela tinha,
as tecnologias sociais, principalmente. Me encantou!
E na época eu já era turista aqui na região
e logo me deu o estalo assim,
tipo: "Nossa, essas técnicas no meio rural,
"isso revolucionaria a vida das pessoas!
Transformaria completamente a realidade delas."
Coisas muito simples que elas mesmas poderiam fazer
e que transformaria totalmente!
Questões básicas como o saneamento,
que é um problema no mundo todo,
e que a permacultura resolve de uma maneira muito fácil.
Mas essa é só uma das... técnicas que podem auxiliar.
A casa que vocês moravam lá embaixo.
Lembra? O fedor que saía da fossa!
É! Até questão de saúde, né?
O mal cheiro também.
A preocupação maior tá porque a gente tem criança, né?
Você ficar com o esgoto assim, não é bom, né?
Essa tem essa vantagem.
Não pode afundar.
É verdade, não afunda.
Não pode afundar também.
Eu tava concursada já no Estado, dando aula.
E um dia olhei pra minha vida
e vi que não era o que eu queria!
E que se eu ficasse naquela ali da cidade, de...
um emprego pra ganhar dinheiro
pra pagar o meu aluguel, pra me manter,
pra pagar as minhas contas cada vez mais altas...
E eu vi que era um ciclo infinito,
que nunca ia acabar e que não ia me deixar feliz!
Então, eu resolvi mesmo do dia pra noite, abandonar tudo!
Eu larguei o emprego no estado,
pedi exoneração, larguei a pós-graduação,
juntei as minhas coisas numa mochila
e vendi tudo o que tinha, e falei:
"Bom, vou morar na roça." E agora, aonde?"
Dentro do ônibus vindo pra Minas,

que queria ficar nessa região da Serra do Espinhaço,
me veio na cabeça esse vilarejo, especificamente.
Extrema, que fica no município de Congonhas do Norte.
Eu achei que na época era uma escolha
muito lógica e racional. Eu pensei:
"Bom, é um lugar bem pequenininho,
"numa região ainda bem preservada,
"com uma população aberta.
"Acho que lá eu posso conseguir colocar
"esse meu sonho, esse meu plano
"de levar a permacultura pro meio rural em prática."
Eu tenho uma certa ligação com o meio rural.
A minha mãe era da roça!
E ela fez todo esse processo, assim,
naquele momento ali da história
em que o mundo rural foi negado
e que o legal era tá na cidade.
Ela fez esse movimento, foi pra cidade,
hoje é uma empresária super bem-sucedida.
Mas quando eu resolvi mesmo que a minha história de vida
seria mudar pra um lugar desses
e tentar ajudar no que eu pudesse...
Eu fiz esse movimento de vir pra roça
e pra ela, pra minha mãe, foi... muito chocante, assim!
Porque ela lutou tanto pra sair daquilo,
batalhou tanto pra conseguir
dar uma vida diferente pra gente e oportunidades, né?
E ela não entendia porque a minha escolha
era retroceder, na cabeça dela.
Na cabeça dela eu tava retrocedendo.
Ela não entendia essa minha ligação com o mundo rural.
E que toda boa educação que ela me deu,
me levou a ser um ser pensante
que não conseguia conviver numa sociedade injusta!
Eu era infeliz! Meu pai falava: "Nazaré..."
Nazaré é o nome da minha mãe!
"Nazaré, deixa a menina! Ela é feliz assim.
Ela não é feliz aqui, é feliz na roça! Deixa ela!"
Então, ele sempre incentivou mais.
Ele entendia a minha ligação, e que eu seria feliz aqui.
Ela no início relutou bastante, mas hoje eu percebo
que ela gosta muito, ela tem muito orgulho!
Vários momentos eu vou no Rio visitar ela
e tem alguma amiga dela, e fala:
"Você que é a filha da Nazaré que trabalha na roça, né?
Que mora lá e faz um trabalho muito legal lá."
Então, ela conta pras pessoas com muito orgulho hoje, sabe?
Vê se sai mesmo?
Sai não!
[Alessandra] O projeto surgiu com a ideia
de trazer esses conhecimentos.
Não só da permacultura, mas de outros campos
como a bioconstrução, economia solidária, agroecologia...
E o objetivo final é a geração de renda.

Então, que eles possam servir pra gerar renda.
Às vezes são conhecimentos novos, as pessoas têm receio!
Como quando eu trouxe a fossa e eles...
A BET né, Bacia de Evapotranspiração,
e eles ficaram um pouco receosos
e precisaram ver na prática que aquilo funcionava,
pra poder começar a aderir ao movimento.
A gente faz isso com todas as técnicas que a gente traz.
Então, a gente traz, testa ela primeiro,
deixa eles se familiarizarem com aquilo,
vê os benefícios daquilo, aí, parte deles esse interesse
por aprender mais por começar a praticar.
E o objetivo do projeto é transformar esse vilarejo
num vilarejo sustentável mesmo,
que consiga se sustentar. Não só na questão ambiental,
mas principalmente na social e econômica também.
Com esse processo da agroecologia,
como tá no início e eles tem a velha cultura
de que o solo limpinho é que é o solo bonito,
porque é de gente que trabalha!
Quando tá sujo, né, que agroecologia
tem que ter essa questão da adubação verde,
não deixar o solo descoberto, esse é um dos princípios,
e tá sendo difícil quebrar isso.
Então, aqui na horta mesmo, nesse curso,
a gente trouxe e propusemos um teste
pra algumas pessoas do vilarejo que tavam aqui.
Da gente cobrir metade dos canteiros
e a outra metade a gente deixar descoberto.
A gente vai deixar isso aqui, e vamos junto com eles agora,
eu vou analisando qual tá indo melhor.
Qual solo deu algum problema, vamos supor, formiga.
Ou qual planta tá desenvolvendo melhor,
qual que precisa regar menos.
A gente faz muito essas coisas como um laboratório mesmo!
O espaço do projeto, que é um espaço comunitário,
é um espaço educacional, e a educação só acontece na ação.
Então a gente monta pequenos laboratórios,
onde a gente vai investigar pra eles chegarem na conclusão...
e não ser um conhecimento imposto.

§

Meu nome é Karin Hanzi e eu nasci em São Paulo.
E minha mãe, com dois anos de idade, pegou as três filhas,
e viemos pra esse sítio.
Foi uma infância muito feliz!
Aos 9 anos, fomos pra Bahia,
porque o pai foi transferido de São Paulo pra lá,
e aí migramos pra lá, e o sítio ficou abandonado...
dos 9 até três anos atrás, basicamente.

§

Na Bahia eu acabei pegando o caminho tradicional:
estudei Engenharia Mecânica...
segui aquele caminho.
Meu pai não acreditava muito no campo como forma de vida.
Então eu ficava dividida com a minha mãe...
trazendo a permacultura pro Brasil...
fazendo todo aquele movimento,
e o pai: "Não, você tem que estudar, trabalhar".
Quando eu era criança, morando em Salvador,
antes de ir pra fora, estudar e trabalhar,
minha mãe me deixava na fazenda do Ernst com as filhas dele.
Então eu cresci naquela abundância de florestas,
de jaca, cupuaçu, cacau, subindo em árvore...
e também trabalhando com as filhas.
Hoje eu vejo como a gente trabalhava muito...
e já fazia um trabalho intelectual...
de entender as florestas...
e trabalhando no quintal e participando dos cursos.
Um dos trabalhos que o Ernst passava pras filhas...
e eu era amiga da Matilde,
uma das filhas e que tinha a minha idade,
era calcular quantas arrobas...
cada pé de cacau vai produzir... naquele ano.
Eu achava isso o máximo!
A gente descia a linha dos cacaos, e sombreado,
porque cacau é estrato baixo, e tinha árvores por cima...
com as plantinhas, ela descia uma linha, eu descia outra,
a gente contava os brotos...
"Ah, esse vai dar tantas arrobas"...
e descia pro próximo... "Tantas arrobas".
Esse trabalho que as filhas dele faziam no campo
era um supertrabalho de álgebra, de calcular...
quantos quilos de cacau vão produzir naquele campo,
e também de observar...
e saber quantos quilos uma árvore vai produzir.
Depois eles pegavam os cálculos das filhas, juntavam tudo...
e já planejava a venda do cacau.
E esse aprendizado, na hora, você acha normal.
É que nem aprender a fritar um ovo, a tratar de um cachorro...
uma coisa que você aprende sem pensar.

§

Isso é o sistema de vórtex. Esse é o acúmulo de energia.
A natureza trabalha muito com o vórtex.
O ser humano converte esses...
Os motores, as bombas, as turbinas...
tudo dissipa energia,
e esse concentra energia.
Isso aqui é o fluxo energético da seiva da banana.
E ele faz esse movimento.
E a água, quando cai no sistema de vórtex, esfria.
E é isso que possibilita...
os peixes a nadarem contra a corrente.

É o sistema que vórtex que acontece numa água...
e que acontece naturalmente...
na natureza.

E a banana é um exemplo perfeito de vórtex.

[Risos]

Minha mãe foi massa,
no sentido de apoiar totalmente o lado criativo da gente,
de ela dar total liberdade...

de cada um seguir o caminho que quisesse.

A maior riqueza que ela me deu

foi essa liberdade total de ser quem eu sou,

de não oprimir, de deixar...

a pessoa se sentir completo

e errar, sem medo, né?

Tipo, se eu andava descalço na escola, ela:

"Ah, não... deixa!", se tá comendo terra também pode.

E eu tinha problema com diretores,

que mandava eu botar sapato. "Você tem por sapato!",

eu: "Mas por que sapato? Minha mãe deixa eu ficar sem!"

Que eu ia daqui pra escola, depois fui estudar em Salvador,
quando saímos do sítio e lá eu entrei em crise...

porque eu queria andar descalça e eles não deixavam.

Quando a gente tá junto, a gente tá sempre...

trocando ideias, trocando conhecimento,

e é uma delícia, muito gostoso essa troca de conhecimento,

de experiências que ela tá tendo no sertão e eu aqui.

A agricultura sintrópica é uma notícia boa pro ser humano,
porque ele tem a capacidade de regenerar o estrago que fez.

É... se a gente parasse de destruir agora.

Parou tudo! Parou de dirigir carro, queimar, para tudo...

Até isso ainda é questionável,

se vamos conseguir regenerar sem intervenção...

com um trabalho sintrópico, né?

Então a intervenção humana pra acelerar a regeneração é...

essencial pro humano continuar vivendo nesse planeta.

Desculpa, vou ter que só roubar um morango silvestre.

Huum! Vai um? Que, tia Deia?!

Tá bom?

Olha a bota do Vini!

Coisa de motoqueiro, né?

Caraca!

Vamos embora!

Huum, que delícia!

Meu nome é Vinícius Pereira,
eu sou músico... e permacultor.

E a permacultura, na verdade, é uma coisa nova na minha vida.

O que aconteceu foi que em 2014, quando a gente em SP

teve a crise hídrica, começou a faltar água aqui em casa,

fiquei preocupado... e resolvi instalar uma cisterna.

E aí eu fiz à minha maneira,

sem saber como devia.

Fiz uma captação bem tosca... e tive problema, né?
Aí eu fui no Google procurar um instalador de cisternas.
Digitei "instalador de cisternas", nada aparecia.
Eu falei: "Nossa...
olha só a oportunidade aí."
Então crise é oportunidade.
E na época, eu só trabalhava com música instrumental...
então, de dezembro a fevereiro, até depois do carnaval...
eu não fazia nada, ficava em casa, não tinha trabalho.
Então... eu fui correr atrás,
aprendi a captar chuva direito, a captar água...
e aí comecei a fazer instalações.
Botei no site do "Permacultores Urbanos"
oferecendo serviços de instalação de cisternas.
E aí trabalhamos!
Como a minha formação é... Licenciatura em Música,
eu trabalho com educação faz muito tempo.
Então eu pensei "Vou dar curso de formação pras pessoas,
pras pessoas aprenderem a captar água da chuva."
Uma das primeiras coisas que comecei a fazer aqui,
foi compostar... as coisas que saiam da cozinha.
Então, como eu comecei com o minhocário,
o minhocário aceita tudo que não é cítrico.
E cascas de cebola e alho, essas coisas, ele não aceita.
Então as cascas de banana, sempre coloca nesses potes...
e leva pro minhocário, né? O problema maior sempre foi...
"E os cítricos? O que que eu vou fazer com os cítricos?".
Eu gerava volume de lixo com cítricos e ficava angustiado.
Até que a Cláudia Visoni, minha professora,
me apresentou as enzimas cítricas, que é isso aqui.
Aqui dentro temos cítricos, água e açúcar...
e aí olha o que acontece.
Eu vou abrir aqui, dá uma olhadinha.
[Chiado do gás]
Tá vendo esse gás? Rola uma fermentação aqui.
E aí, essa fermentação produz essas enzimas.
Quer dizer, as enzimas produzem essa fermentação.
E aí, as enzimas... aqui tá pronto, ó!
Depois de cinco meses, quatro meses parado...
esse aqui é um... um gás, uma enzima que tá pronta.
E isso aqui a gente usa pra fazer faxina na casa.
Pra lavar cozinha, os banheiros...
e até pra deixar as folhas de molho.
Então, se vou fazer uma saladinha...
em vez de deixar no cloro... pra esterilizar as folhas,
a gente usa as enzimas cítricas.
Essas enzimas vão comer vírus, bactérias, protozoários,
elas comem todo mundo.
E se eu comer isso aqui, não faz mal pra mim!
Resolvemos dois problemas fazendo as enzimas cítricas.
Agora, eu consigo dar conta... dos cítricos.
Consigo produzir as enzimas e... consigo...
gerar produtos de limpeza.
Tirei o cloro, não entra mais água sanitária aqui!

No ano seguinte, estourou a barragem do Rio Doce.
Dia 05 de novembro de 2015.
Aí decidimos fazer a primeira expedição "Rio Doce Vivo".
Então a gente saiu daqui naquela kombi, na Zeolina,
e fomos fazer um trabalho de regeneração socioambiental.
Oferecendo a capacitação de captação de água da chuva,
que era uma técnica útil pra quem tava sem fonte de água.
[Suspirando] E também fazendo rodas de conversa...
ouvindo as pessoas,
e ajudando essas pessoas a se articular em rede,
pra conseguir cobrar...
do poder público e da empresa privada...
a reparação, né?
E aí também comecei a me interessar muito nessa história
da regeneração socioambiental.
O social é o que trabalhamos com as pessoas no dia a dia,
nos cursos, nas oficinas.
E o lado ambiental é essa nossa atuação,
tanto em casa, quanto...
aqui em São Paulo, nas nascentes da cidade, né?

[Andrea] Frida!

[Pigarrenado] Hum hum!
Esse carro aqui...

a gente instalou um reator de hidrogênio nele.
Ele é um carro que roda com gasolina...
e ele também usa hidrogênio...
pra impulsionar, pra gente se deslocar,
então a gente gasta menos gasolina usando o hidrogênio
como catalisador na queima.
Aí o que a gente faz?
Usa... sabe aquela história do carro movido à água?
Então, é essa história, usamos a água da chuva...
mais a energia...do alternador do carro,
damos um choque na água,
separamos o H₂O em H-HO, os gases,
e esses gases a gente manda na entrada de ar do carro,
pra explodir com a gasolina e ter uma queima mais eficaz!
Esse aqui foi o primeiro reator que eu instalei na Zeolina.
Esse reator é aquela célula submersa, que a gente chama,
que é diferente daquela célula seca.
Mas eu liguei agora só pra mostrar pra vocês...
o que acontece com a água.
Depois que ela toma esse choque, o resultado desse gás,
o hidrogênio e o oxigênio juntos, eles são explosivos.
É isso que usaremos no motor junto com a gasolina.
Vou mostrar pra vocês a explosão que dá.

[Estalo forte]

Eu tô muito animado e otimista...
com esse cenário que temos agora, dessa crise política.

Porque pra mim ficou claro...
Assim, em 2014 isso foi um marco na minha vida,
ficou muito claro como a crise é a melhor oportunidade...
que temos pra transformar uma realidade.
E como o cenário que a gente tá, político, é uma coisa...
indecente!
Eu não vejo oportunidade melhor do que essa de agora
pra virar a chave da sociedade e começar a transformar.

§

§

Meu nome é Cíntia Aldaci da Cruz,
nascida e criada aqui na Nossa Senhora da Glória,
eu vim das casinhas... que era o antigo pasto do gado.
Eu vim pra Chico com 8 anos...
o projeto "Revolução dos Baldinhos" iniciou em 2008,
com o surto de ratos na comunidade,
e o falecimento de dois moradores.
E daí surge "Revolução dos Baldinhos"
porque todos que separam tem baldinhos, eu também tenho!
E daí a revolução porque...
esse baldinho começou a expandir na comunidade.
As famílias começaram a querer participar do projeto...
Aqui é a Leni, na casa da Naturezinha...
a nossa família que é... fielzona.
O quintal dela que a gente usa como mudário,
que pegamos algumas plantas,
que ela é bem... bem curandeira, assim.
Tem várias plantas que ela diz "Ah, isso é bom pra isso..."
Aqui é a família.

O Hamilton... a Juliana...

Aqui é a Jaque e o Hamilton na peneira.
Esse momento também foi bem legal!
Aqui foi... esse aqui foi o nosso primeiro folderzinho,
que daí veio especificado...
ano a ano, a evolução do projeto...

com a logo que foi pensada no grupo.

Esse aqui foi um...

as festas... as reuniões das famílias.

Que a gente faz o encontro...
fazendo a festa, é uma confraternização do ano, né?
E as oficinas que o projeto foi participando...
Várias oficinas...
que o projeto foitornando modelo,
e daí foram chamando pra capacitar...

pra formação...
Daí quando a revolução começa a surgir...
nos jornais.
Bem massa!

Aqui o grupo já um pouco reduzido...

muitos momentos!
Isso aqui é tudo... como funciona o projeto.
Em 2012...
a gente teve a nossa primeira experiência,
que foi viajar pelo projeto...
e conhecer o Rio de Janeiro em nove dias,
na Lapa, dentro de um evento...
que era a Cúpula dos Povos.
Onde se reuniram pra falar do clima...
pra falar do... desse... da... dessa tecnologia,
que a gente tava iniciando dentro da comunidade...
E de ver o que o projeto proporcionou pra nós...
Viajamos em sete, dentro de um grupo...
de agronomia da UFSC,
com... 42 pessoas!
A maioria homem...
E... nós, assim, mulheres revolucionando,
e da gente ter que ir e querer viver cada momento lá,
er... foi mágico!
Eu e a Monique, numa experiência da gente:
"Monique, nós vamos 'se' perder aqui!",
nós indo fazer uma atividade na comunidade da Formiga,
que quando a gente chegou lá em cima do morro,
a gente olhou pra baixo e, cara... que visão!
[Rindo] De ver um caixa eletrônico lá dentro!
A gente ficou pensando:
"Olha, um caixa eletrônico dentro da comunidade!".
Porque, pra nós, é...
é diferente, foi diferente.
E... depois de ter esse entendimento
e de ver as vivências
e relatos, que a gente... nesse decorrer do tempo,
de ter muitas comunidades que queriam estar hoje
no momento em que a nossa se encontra,
com esse potencial...
Da gente poder estar levando pra outras comunidades
e de saber que saiu de dentro da comunidade.
E conseguir passar a mensagem pra outra pessoa da comunidade,
sem muita... é...
palavra difícil, de forma popular,
a gente conseguiu sensibilizar...
e passar nossa mensagem.
Então a gente tem um entendimento do que fazemos,
tem uma energia tamanha.
E a gente faz pela gente
e até por aqueles que não têm consciência ainda,
mas a gente entende que... é o momento!

O ser humano é...é adaptação, é resistência.
Então, a gente tem que trazer propostas novas
e reeducar, principalmente, com foco nas crianças,
que eles são nossa visão de futuro.
[Com voz embargada] A gente é capaz...
de estar trazendo...
essa melhoria pra comunidade,
e estar, principalmente, pensando nos jovens.
Não é?
Não só com a gestão comunitária de resíduos,
mas de poder compostar a vida dessa galera mesmo.
Da gente ver o histórico da comunidade,
dos adolescentes que não completam maioridade.
E a Revolução tá aí, é pra somar desse lado.
É essa a nossa missão.
A gente entende que o equilíbrio, a terra fascina.
É massa saber que tu faz parte dessa história...
dessa cultura que tu tá resgatando
e somando pra tua comunidade, né?
Tu tá fazendo algo pela tua favela.
Acho que isso é...
Cara, é muito bom!

§

§

[Vinícius] Bora!

§

§